

ENTRE BICHAS E BOFES: O AUÊ DAS PALAVRAS NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978- 1981)

Alisson Gonçalves¹

RESUMO: Levando em consideração o contexto ditatorial brasileiro do final da década de 1970, houve um crescimento da chamada imprensa alternativa no Brasil, e por consequência o aparecimento do Jornal Lampião da Esquina em abril de 1978, ficando em vigência até meados de 1981. O periódico, produzido por homossexuais, era destinado principalmente aos gays do gueto, e tinha como objetivo dar visibilidade não somente aos gays, mas também a outras parcelas marginalizadas pelas políticas autoritárias da época. Ao longo das suas 38 edições o jornal mostrava em seus editoriais e reportagens uma linguagem diferente daquela presente nas demais mídias impressas, recorrendo a um palavreado muitas vezes debochado, recheado de gírias e termos usados pela população gay da época. Esta pesquisa tem por objetivo apresentar termos e a linguagem usada pelo jornal, e como esses termos foram sendo ressignificados numa tentativa de aproximar-se com seu público alvo, além de ser um imperativo de luta contra o preconceito existente. Bicha, bofe, boneca, pintosa, gay- macho, além de serem termos presentes no jornal também representavam estereótipos e formas de identificação dos sujeitos gays quanto a sua homossexualidade na sociedade dos anos de 1970, mesmo que tais marcações gerassem discordâncias tanto à identificação quanto ao próprio uso dos tempos pelos leitores. Conclui-se que o jornal enfatizou principalmente as figuras da bicha e do bofe como marcadores para que os sujeitos gays se percebessem como tal e assim pudessem assumir com naturalidade sua condição sexual.

Palavras-chave: Jornal Lampião da Esquina. Linguagem. Imprensa Gay

ABSTRACT: Taking into account the Brazilian dictatorial context of the late 1970s, there was a growth of the so-called alternative press in Brazil, and consequently the appearance of the Jornal Lampião da Esquina in April 1978, remaining in effect until mid 1981. The periodical, produced by homosexuals, it was mainly aimed at gays in the ghetto, and aimed to give visibility not only to gays, but also to other groups marginalized by the authoritarian policies of the time. Throughout its 38 editions, the newspaper showed in its editorials and reports a language different from that present in other print media, resorting to an often mocking verbiage, filled with slang and terms used by the gay population at the time. This research aims to present terms and the language used by the newspaper, and how these terms were being reinterpreted in an attempt to get closer to its target audience, in addition to being an imperative to fight against existing prejudice. Fag, bofe, doll, chick, gay-male, in addition to being terms present in the newspaper, they also represented stereotypes and forms of identification of gay subjects as their homosexuality in society in the 1970s, even though such markings generated disagreements both to the identification and to the readers' own use of times. It is concluded that the newspaper mainly emphasized the figures of the queer and the bofe as markers so that gay subjects could perceive themselves as such and thus could naturally assume their sexual condition.

Keywords: Lampião da Esquina newspaper. Language. Gay Press.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa- Pr. E-mail: alisson.profhistoria@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nascido em meio ao governo ditatorial brasileiro o *Jornal Lampião da Esquina* se propunha dar voz a uma parcela marginalizada da população homossexual, a chamada população do gueto. O jornal que teve seu início em abril de 1978 é tido como um marco na imprensa gay por ter alcançado uma abrangência que ia além dos círculos de amigos ou de centros urbanos e por trazer uma gama variada de temas nas suas reportagens que envolviam desde vivências homossexuais a debates políticos, feminismo, questões ambientais e outros.

Em seus pouco mais de três anos de existência, o *Jornal Lampião da Esquina* juntou-se a outras mídias impressas num momento de reabertura política do Brasil, os jornais alternativos ganharam força com a ascensão dos movimentos sociais e novos debates na sociedade brasileira. De modo geral, adotou o formato tabloide, com capas e reportagens que chamavam a atenção de seus leitores.

Outra característica que chamava a atenção para o jornal era a linguagem usada. O repertório de gírias e termos usados pela população gay se fazia presente nas reportagens e textos, muitas vezes usados em tom de deboche e sarcasmo. Esse processo pode ser entendido de duas maneiras, inicialmente como uma forma de aproximação com o público-alvo e também como uma resistência aos preconceitos sofridos pelos homossexuais, lésbicas e travestis, a partir da resignificação e apropriação dos termos usados de forma pejorativa pela grande massa da sociedade.

O *Jornal Lampião* se destacava também por questionar estruturas e padrões existentes, inclusive aqueles presentes no meio homossexual, como das figuras do gay macho em oposição ao gay afeminado, bem como os estereótipos criados sobre eles.

Este artigo, pretende apresentar esses dois pontos presentes no jornal, o debate que se fazia sobre a masculinidade entre bofes e bichas, e a forma desbocada de linguagem usada pelos editores.

O debate aqui apresentado enquadra-se no que podemos chamar de debates de gênero. De acordo com Joana M. Pedro (2005) a partir de 1980 o uso de “gênero” foi usado para tratar de diferenças entre homens e mulheres, diferenças que não se restringiam apenas a abordagem biológica. Falar sobre os debates de gênero é falar de uma categoria historiográfica que carrega além de novas perspectivas de estudo, um forte peso de evidenciar a diferença existente por séculos entre masculino e feminino, homem e mulher, uma construção sócia- cultural projetada

a partir das relações de poder que vão além de abordagens biológicas, e atualmente é evidenciar também outros grupos minoritários que passaram pelo processo de submissão patriarcal, como pessoas LGBTQI+.

Com os debates iniciados a partir de 1990, a inclusão de novos braços nas pesquisas de gênero pode incluir temas ligados a masculinidade e ainda aos estudos sobre homossexuais e demais pessoas LGBTQI+. É possível entender o aumento dessas pesquisas como uma consequência da participação de movimentos sociais e seus integrantes em núcleos e pesquisas elaboradas em universidade e similares.

Esse aumento de pesquisas na área evidencia uma força política a partir de uma massa de corpos em exposição. Ainda que atualmente a exposição adquira novas formas e não mais num ambiente clandestino, o fato de assumir-se publicamente como gay já se torna uma exposição, e ao mesmo tempo uma forma de resistência contra os ataques sofridos pela comunidade LGBTQI+. Como afirma Paul B. Preciado

O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação protética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. (PRECIADO, 2011, p. 11)².

ENTRE BOFES E BICHAS: A MASCULINIDADE SOCIAL

A década de 1970 no Brasil foi ao mesmo tempo um período de rigidez político-social e também um momento de efervescência cultural com grande criatividade artística e ainda, novos debates dos movimentos sociais.

De forma geral, a sociedade presenciava um novo ideal de masculinidade desde os anos de 1960, em que apresentava um sujeito dentro de um modelo tradicional de virilidade, com elementos intrínsecos como a força, a potência sexual, a segurança e a independência, e nada que vinculasse ao feminino ou afeminado.

Esse estereótipo de masculinidade em 1970 estava compreendido dentro do que Robert W. Connell (1995) chama de ‘papel do sexo masculino’, ou seja, um conjunto de práticas, atitudes e expectativas que definiam apropriadamente a masculinidade, sendo pensando como um lugar como quando se tratava do gênero masculino.

² O texto original em francês foi publicado em 2003 na revista *Multitudes*.

Ao longo das suas produções e dentro dos seus objetivos iniciais, o *Jornal Lampião da Esquina* se propôs lutar contra o machismo. Uma das formas iniciais desse processo foi o questionamento dos padrões de masculinidade percebidos na sociedade, a partir da figura do ‘machão’

de saída vamos desmistificar o nosso machão que não é machão coisa nenhuma, mas um pobre coitado às voltas com problemas terríveis de virilidade, afirmação pessoal e sede do domínio. Frágil, débil, condicionado há milênios a ser antes de tudo um forte, o machão se realiza muito mal no amor e só consegue salvar as aparências porque a mulher brasileira é ainda pior do que ele. Segundo dados recolhidos por estudiosos do comportamento humano, apenas dois por cento de nossas mulheres chegam a conhecer a plenitude do orgasmo, por culpa, em grande parte, do seu parceiro masculino, que as oprime de maneira intolerável e covarde.[...] O machão tem pouca confiança em si mesmo. (VIEIRA, nº 03, 1978, p.02).

A autora define a figura do machão como um ser condicionado a ser forte, porém inseguro quanto a sua performance e para manter essa imagem precisa sempre se colocar uma posição de superioridade e dominação. A autora ainda considera que essa mentalidade predomina na sociedade, incluindo as mulheres nessa organização.

A partir de meados de 1970, as masculinidades passam por um processo, de ressignificar os modelos existentes. Segundo Simões e Facchini (2009) essa mudança foi percebida também dentro do movimento homossexual, começando nos EUA, com uma significativa substituição o modelo homossexual próximo a androgenia que transgredia os padrões de gênero para um modelo que celebrava o “crescente culto ao “macho” na masculinidade estampada em bigodes, cabelos curtos e músculos definidos” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 47).

Essa mudança foi percebida no Brasil, e apresentada pelo *Jornal Lampião da Esquina* na edição 08, de janeiro de 1979. Através da tradução de um texto originalmente publicado na revista norte-americana *Christopher Street*, os autores do tablóide brasileiro apresentam um cenário aparentemente comum percebido em boates e bares de Nova York e outros estabelecimentos, inclusive em boates brasileiras em que as mudanças comportamentais entre os gays era perceptível, sendo descrita da seguinte forma

uma estudada masculinidade. Nada de desmunhecadas ou requebros excessivos. A maneira de andar e de falar, o tom de voz, as roupas, a aparência em geral são corretíssimos: estamos em terra de machos. [...] Na verdade, os jovens homossexuais parecem ter abjurado o efeminamento com universal sucesso. Corpos musculosos laboriosamente cultivados durante todo o ano parecem ser o padrão; a agilidade atlética e cheia de juventude é o estilo adotado por todos (CONSELHO EDITORIAL, nº 08, 1979, p. 08).

A referida reportagem, intitulado pelo Jornal Lampião da Esquina de “*Gay- Macho: Uma nova tragédia americana?*”³”, mostra claramente uma padronização masculinizada presente no meio gay a partir da glamourização dos corpos, vinculando-os ao sentimento de desejo de poder, da mesma forma que aqueles que seguem os parâmetros encontrados entre os ‘machões hegemônicos’.

Uma das consequências da mudança desse padrão é o fortalecimento do desprezo pelos homossexuais que se comportavam de maneira afeminada. Desta forma identifica-se aqui a supervalorização de uma masculinidade entre os homossexuais, permeando os padrões heterossexuais que por sua vez inferiorizam a população homossexual. Essa mudança de comportamento pode ser entendida também como uma forma de minimizar as opressões sofridas pelo segmento.

Nos anos de 1970 era possível identificar dois modelos de sociabilidade homoerótica pautados em modelos médico- psicológicos, segundo Facchini e Simões (2009). Entretanto o grande debate tanto entre os editores quanto entre os próprios leitores do jornal girava em torno de dois eixos principais, a figura do “gay macho” com características masculinizadas e que passaria despercebido na sociedade, não sofrendo os estigmas decorrentes da não aceitação. E a figura da bicha pintosa que agia com trejeitos afeminados, que não se atinha a seguir um determinado padrão comportamental. Os dois estereótipos, estavam ligados a elementos culturais, econômicos, físicos e comportamentais em detrimento do outro.

Pensando de forma mais específica sobre essa divisão, a figura do ‘gay macho’ pouco apareceu em reportagens do jornal, o próprio termo aparece em apenas duas edições⁴, entretanto a sua repercussão entre os leitores foi de maior impacto. Por outro lado, as figuras do gay pintoso, da bicha assumida, e da boneca, tiveram um espaço maior dado pelo jornal em suas páginas, da mesma forma que outras identificações como as travestis e lésbicas. O termo bicha aparece em todas as edições do jornal, e ainda com variações de terminologia e adjetivos.

Entre os editores do jornal, essa associação se dividia entre os que eram adeptos ao uso do termo de forma geral para ajudar no processo de ressignificação enquanto outros ainda viam o teor negativo do termo. Essa divisão também refletia as opiniões dos leitores, alguns se identificavam com o estigma levantado pelo termo bicha como sendo um dos componentes de

³ O artigo original foi publicado inicialmente por Seymour Kleinberg na revista norte- americana Christopher Street, e depois no jornal Gay News.

⁴ O termo foi encontrado nas edições n° 08 de janeiro de 1979, e n° 12 de maio de 1979.

discriminação social. Em relação a isso o jornal recebeu críticas quanto à tentativa de criar uma clientela mais esclarecida, assumida sexualmente e militante com as causas homossexuais, desmerecendo a parcela menos favorecida social e economicamente. Tal crítica fica mais aparente com a carta de um de seus leitores publicada na edição 08,

Sendo eu leitor do conceituado LAMPIÃO, venho por meio desta tentar alguns esclarecimentos: o que significa a palavra gay? Eu conheço homossexual. Se gay está enquadrada nesta categoria, pergunto eu, então: porque esta avassaladora, vergonhosa e humilhante onda de discriminação? Por que o Jornal mantém esta política de grupo tão privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum!

A bicha pobre da Avenida Ipiranga ou da Cinelândia ou da Praça Tiradentes ou da Praça da República não será homossexuais iguais àquelas que na semana de carnaval desfila suas plumas e paetês nas passarelas de luxo? Não será gay também? Para mim são todos! [...] agora não me venha com esta de que estão escrevendo no jornal em prol do homossexualismo, vocês não estão fazendo nada pelas bichas pobres! [...] (FERREIRA, n°08,1979, p. 13).

Neste sentido podemos pensar a figura da bicha sendo interpretada como um estigma da subcultura, encarada como uma figura alheia à vida politizada proposta pelo Jornal *Lampião da Esquina*, principalmente em meados de 1979, quando o mesmo já se ligava ao movimento homossexual organizado. Assim, essa figura ainda era vista como um ser inconsciente, que desobedecia a comportamentos e poderes dominantes através do requebrar dos seus quadris na rua, dos gestos delicados e afeminados, do linguajar cheio de gírias e palavras conhecidas apenas pelos próprios homossexuais e travestis.

Como já dito o termo bicha aparece em todas as edições do jornal, bem como suas variantes e adjetivos, e já na edição experimental número 00, já se traça uma hipótese sobre a necessidade da imprensa homossexual e seu interesse em ampliar as discussões acerca da inserção de gays nos debates políticos e sociais, ou seja, conscientizando tais sujeitos da sua realidade sexual. O texto “*Qual é da nossa imprensa?*”, escrito pelo argentino Frederico Jorge Dantas, relatando ao Jornal *Lampião da Esquina* suas dificuldades e experiência com o folhetim *Eros*. O autor, fala desse processo da seguinte forma,

Reconheço ser a bicha atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. Escrever o que se conseguiu aprender é o correspondente para o esboço de um futuro melhor, onde possamos reagir com racionalidade e coesão às repressões sociais que nos são impostas (DANTAS, ed. experimental n° zero, 1978, p. 05).

Com isso podemos perceber que o jornal novamente enfatizava a busca da conscientização social de uma parcela da população gay. Nesse sentido podemos pensar que tal processo deveria ocorrer de forma clara, usando uma linguagem prática e objetiva, que se aproximasse dos gays desde o gueto até os intelectualizados.

O ‘BABADO’ ERA A LINGUAGEM DO JORNAL

Uma das características presentes no *Jornal Lampião da Esquina* era seu linguajar, o modo debochado, e com palavreado associado aos seus leitores. Ainda que os editores tratassem os temas com seriedade, “resgatou-se a linguagem do gueto, com um uso constante de termos até então considerados palavrões, como ‘bicha’, por exemplo” (MACRAE, 2018, p. 148), os autores faziam uso de metáforas e jogos de linguagem, que podiam confundir e brincar com leitores desavisados sobre o periódico, principalmente quando se tratava de assuntos mais específicos do que podemos chamar de “mundo gay”.

Segundo Trevisan (2018) essa tática usada era um passo dado para garantir uma maior aceitação entre seu público-alvo e também como uma forma de ir contra a “interdição de certas palavras, a decência das expressões” (FOUCAULT, 2006, p. 27) presentes na imprensa e nos discursos apresentados.

Essa troca de informações, gírias e palavreados específicos facilitava o contato com os leitores e por consequência garantia um número de vendas que garantiria o sustento do jornal. A linguagem deveria ser simples, atrativa, desmunhecada e abusada como o linguajar do gueto, das bichas e travestis, e que fosse entendida por gays- machos também. Se o objetivo era ir ao encontro com a população do gueto, o ‘*bichês*’ deveria ser a língua mais apropriada para esse contato.

É evidente que para o senso geral, algumas palavras quando usadas na sociedade tinham um caráter pejorativo, ‘bicha’, ‘boneca’, ‘pintosa’, ‘viado’ e assim por diante. O uso desses termos pelo jornal ocorria com maior frequência, para que fossem ressignificados e somados aos novos debates identitários, ainda que gerassem discordâncias entre os editores, colaboradores e leitores sobre esse posicionamento do jornal.

E com o intuito de apaziguar os ânimos exaltados acerca do uso dos termos pejorativos, na edição 03 de agosto de 1978, Aguinaldo Silva lança o texto “*As palavras: para que temê-las?*” defendendo o uso dessas palavras seria uma estratégia para esvaziar seu potencial ofensivo e segregacionista,

muita gente se declarando indignada pelo fato de LAMPIÃO utilizar com muita frequência palavras tidas como pejorativas: bicha, boneca, etc, às quais o uso comum deu sempre um tom de ofensa, de epíteto humilhante. Para alguns, o uso destas palavras indicaria uma apelação ao baixo nível que não fica bem em nosso jornal.

O uso de palavras em LAMPIÃO da Esquina na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista, para em seguida desmistificá-

las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a "separação" que existe entre o nosso mundo e o dos outros (SILVA, n° 03, 1978, p, 05).

Já de imediato percebemos o objetivo do Jornal, em retomar os termos e palavras usadas no meio machista e quebrar os mitos negativos acerca delas. Na sequência do texto, o autor apresenta os motivos de validar tais termos entre os homossexuais, encorajando pra assumir uma postura quase de enfrentamento aos opressores de forma natural e sem violência,

A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bichas, bonecas, etc. [...] classificar os grupos que não rezam por sua cartilha como coisas exóticas, é uma das armas mais comuns do Estabelecido (é na verdade o primeiro passo para reprimi-los): não aceitar que esse tipo de classificação seja possível – lutar contra ele- é obrigação desses grupos. [...] Nossa posição é oposta: se nos chamarem de bichas responderemos que somos mais que isso – somos trichas (SILVA, n° 03, 1978, p, 05).

Neste pequeno texto, é possível perceber já a tomada dos termos para seus sujeitos, que ao assumir-se como bichas já desqualificavam a ofensa verbal do agressor. E como era de se esperar, o Jornal recebe algumas respostas em relação ao seu posicionamento sobre a apropriação dos termos pejorativos. A mais evidente é a carta do leitor Alfredo Rangel, do Rio de Janeiro, publicada já na edição seguinte, número 04:

Quanto ao termo guei, achei inteligente a idéia, mas quanto aos outros bicha, boneca, etc., continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. Mais explicitamente, a palavra. Isto é. o significante traz consigo algo bem mais amplo que é o seu significado, isto é, o conceito pela maioria das pessoas, no caso em foco. A meu ver, usar os mesmos termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo.

Não adianta vocês usarem determinadas palavras com um propósito, se aqueles que as recebem, os leitores em sua maioria, já estão habituados a vê- las de outra forma. Acho que isso só poderá fortalecer os estereótipos e nunca liberar realmente as pessoas oprimidas por sua condição sexual. Não devemos aceitar o anátema que a sociedade nos lança, como coisa irrelevante, pois é da luta contra o mesmo que poderemos abrir espaço para uma luta mais ampla que é a afirmação da livre expressão da nossa bissexualidade na sociedade (RANGEL, n° 04, 1978, p.18).

A angústia do leitor carioca quanto à apropriação dos termos pejorativos pelo jornal coloca em dúvida se tal processo não daria mais força aos agressores e opositores da visibilidade homossexual na sociedade. Em sua fala ainda podemos perceber a influência do sistema heteronormativo, evidenciado pelo fato do leitor acreditar que o uso desses termos iria permanecer na mente da população.

Entretanto a resposta do jornal ao leitor ocorre na mesma edição já na sequência enfatizando que o uso das palavras ressignificadas deveria se manter, para que elas não

deixassem de existir, apenas passariam a ser interpretadas em outro sentido, e não mais apenas o ofensivo.

Olha. Alfredo, a gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto. Não é por falta de uso que as palavras morrem, não, elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiúça- Ia, esgotá-las. No nosso caso particular. Essa preocupação com as palavras também inclui um mergulho profundo nas nossas possibilidades, é preciso ter consciência. Inclusive, de que essa "livre expressão" do que você fala, não é através de LAMPIÃO que vamos consegui-la, já que este é apenas uma esfinge que devora a si mesma (CONSELHO EDITORIAL, n° 04, 1978, p. 18).

Com este posicionamento o jornal, demonstra seu interesse em manter o uso dos termos, bem como os validar de forma positiva. Os debates referentes à terminologia empregada no jornal, e sobre seu uso ser ou não pejorativo ainda reaparece em outras edições, principalmente nas respostas dos leitores.

Mas o que nos chama a atenção na temática da linguagem usada, além da apropriação dessas palavras, era o uso escrachado que se fazia delas. Principalmente após a criação da seção “*Bixórdia*”, uma apimentada ‘coluna social’ criada a partir da edição 05 de outubro de 1978, “na qual a personagem Rafaela Mambaba exercitava o linguajar ferino e malicioso atribuído às travestis e às bichas loucas” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 88-89). O nome dessa seção vem depois de uma carta, em que o leitor faz uma ardente defesa das bichas pintosas e usa a palavra *bixórdia*, misturando bicha e mixórdia. A seção ficava por conta de Rafaela Mambaba,

uma personagem fictícia criada pelos editores do jornal e era responsável por comentários ferinos que apareciam nas páginas do *Lampião*, [...] Interessante pensar que é uma personagem com linguajar próximo daquele do gueto (SOUZA NETO, 2013, p. 02).

A seção foi criada pelos editores, e segundo Jose Augusto de Castro Heeren (2011) serviu para amenizar o caráter politizado do jornal e dar uma leveza e descontração em meio à seriedade das reportagens, e com um humor ácido, a fictícia autora tecia comentários para criticar os estigmas das rodas sociais dos homossexuais que rotulavam a multiplicidade de sexualidades existentes, “de uma maneira geral Rafaela Mambaba procurava criticar através da ironia e do deboche o quanto o universo estereotipado gay era perverso para aqueles que nele viviam” (HEEREN, 2011, p.177).

Ainda dentro da tentativa de desmistificar a negatividade do termo bicha, a seção *Bixórdia* propõe novas nomenclaturas e variações para serem utilizadas de maneira proposital entre os gays, autora apresenta algumas variantes em duas edições;

Algumas variantes da bichisse oblige. A saber:

POLICHA- É a que ultrapassou os limites da tricha. Toma hormônios já que seu grande sonho é se tornar a Fafá de Belém.

BICHEQUE- É aquela que por qualquer coisa puxa um talão de cheques. Ate pra pagar um cafezinho.

BICHENE- fã de Marlene. Dai surge uma serie de variações: BICHY (fã de Cauby), BICHINHA (fã de Emilinha), BICHAL (fã de Sidney Magal), e a BICHATORRACA.

E por aí vai. Qualquer semelhança com pessoas colunáveis será mera coincidência: de bichas e contrabichas cada um tem um pouco. Ah, ia me esquecendo, tem mais uma; é a:

BICHATA- É aquela que se enquadrou em alguma das variações aqui mas vai escrever pra cá falando mal do LAMPIÃO (MAMBABA, nº06, 1978, p. 09).

A ‘autora’ satirizava tanto os fãs, quanto personalidades do cenário artístico nacional ao fazer a associação aos referidos artistas.

Nesse mesmo contexto de termos e significados para homossexuais, Rafaela Mambaba volta com sua acidez na edição 24, em maio de 1980, trazendo um novo glossário mais ‘técnico’ para aqueles que quisessem participar dos próximos Encontros Brasileiros de Homossexuais (o 1º havia ocorrido em abril de 1980). Alguns termos e suas definições apresentados pela autora:

MACHISMO - Qualquer tentativa de se impor sobre a vontade de uma outra pessoa, seja de que sexo for. Palavra extremamente útil como acusação dirigida à pessoa cuja palavra você quer cassar.

REPRESSÃO - Regras que são inventadas pela classe dominante, e cuja intenção é nos proibir daquilo que nós queremos.

DUPLA REPRESSÃO - Quando uma pessoa é sujeita a duas repressões. Especificamente bichas negras e mulheres homossexuais.

TRIPLA REPRESSÃO – Quando a pessoa é sujeita a três repressões. Exemplo: mulher negra homossexual.

BICHA - Termo para designar o homossexual masculino militante (não pode ser confundido com a mesma palavra fora do meio militante; neste último caso, trata-se de uma ofensa grave). É também usado por alguns para se referir a homossexuais de ambos os sexos; neste caso, para as lésbicas, trata-se de uma manifestação de machismo de quem o utiliza.

HETEROSSEXUAL – Quem não é bicha ou lésbica. Pessoas extremamente perigosas, cujo maior prazer parece ser o de criar novas formas requintadas e sutis de repressão.

BISSEXUAL - Algo que não existe; quem se diz bissexual é apenas uma bicha não assumida, com tendências ao machismo, ao autoritarismo. Há quem diga, também, que o bissexualismo é apenas uma manifestação esquizofrênica (MAMBABA, nº 24, 1980, p. 15).

Desta forma, com um linguajar mais atrevido e satirizando a política, acontecimentos e pessoas, a seção Bixórdia e sua mítica autora, Rafaela Mambaba, caíram nas graças dos leitores homo e heterossexuais que buscavam saber mais do palavreado e expressões usadas no gueto gay.

A escrita do *Jornal Lampião da Esquina* juntava elementos para que seu público se identificasse com o jornal e com seus pares, o resgate e uso dos vocábulos do gueto em tom de chacota e até mesmo seu uso como uma ressignificação social estavam diretamente ligados ao objetivo central do jornal.

CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto acima, podemos perceber que a sociedade brasileira no fim da década de 1970 era nitidamente marcada por sistemas binários, que viam a feminilidade como um fator negativo e de inferioridade, principalmente quando se tratava de sujeitos com sexualidades dissidentes como era o caso de gays e travestis. A masculinidade assumiu uma forma viril, com barba e músculos definidos, se sobrepondo a um estereótipo que se aproximava da androgenia e brincava com os padrões masculinos e femininos. Entretanto essa masculinidade existente, inclusive entre os homossexuais, passou a ser percebida e questionada pelos leitores que buscavam legitimar suas vivências homossexuais com base no jornal.

Essas identificações dos leitores quanto às figuras da bicha ou do gay macho, bem como as devolutivas sobre o uso de termos tidos como pejorativos e suas ressignificações geraram inúmeros posicionamentos em relação ao jornal. Assim, podemos entender que ao longo da sua existência o jornal foi alcançando seu objetivo de dar voz aos homossexuais do gueto, que se viam e se faziam presentes nas páginas do *Jornal Lampião da Esquina*.

REFERÊNCIAS

- CONNELL, Robert W. Políticas de Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. UFRGS: Porto Alegre- RS. Jul/dez. 1995.
- CONSELHO EDITORIAL, Ainda o auê das palavras. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição n° 04, ago/set. 1978.

CONSELHO EDITORIAL, Gay--Macho: uma nova uma tragédia americana? *Jornal Lampião da Esquina*, ano 1, nº 8, janeiro de 1979.

DANTAS, Frederico J. Qual é a nossa imprensa? *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro. Ano I. Edição experimental. Abril/ 1978. p 5.

FACCHINI, Regina. SIMÕES, Júlio Assis. *Na Trilha do Arco Iris: Do movimento homossexual ao LGBT* / São Paulo: Editora Fundação Percu Abramo, 2009.

FERREIRA, Bailarino Roberto. Mas que (*) é esta? *Jornal Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano I, nº 8, janeiro de 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I- A vontade de Saber*. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 17ª ed. 2006.

HEEREN, Jose Augusto de Castro, *O armário invertido: comunicação e discurso sobre a luz do Lampião*. Dissertação (mestrado em comunicação). Faculdade Casper Libero: São Paulo. 2011.

MACRAE, Edward.: *A construção da igualdade- política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MAMBABA, Rafaela. Novocabulário guei. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano II, edição nº 24, mai/1980.

MAMBABA, Rafaela. O que vem a ser a bixórdia? *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição nº 5, out/1978.

NETO, Miguel Rodrigues de Souza, MOVIMENTO GAY E IMPRENSA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981). XXVII Simposio Nacional de Historia – conhecimento histórico e dialogo social , Natal – RN 22 a 26 de julho de 2013, p.2 disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayeimpressanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf>

PEDRO, Joana M. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. HISTÓRIA, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PRECIADO, P. B., Multidões Queer: notas para uma política dos “anormais”. Tradução Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis- SC. janeiro-abril/2011.

RANGEL, Alfredo. Ainda o auê das palavras. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano I, edição n° 04, ago/set. 1978, p. 18.

SILVA, Aguinaldo. As palavras para que temê -las? *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, Ano I, ed 03, jul/ago. 1978.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade*. 4ª ed. revista, atualizada e ampliada, 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIEIRA, Zsu Zsu. A doença infantil do machismo. *Jornal Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, N° 03, Ano I, Jul/ago. de 1978.